



<http://dx.doi.org/10.30681/23163933v24i014162>

MÃOS AVENTUREIRAS: LITERATURA EM LÍNGUA DE SINAIS

MÃOS AVENTUREIRAS: LITERATURE IN SIGN LANGUAGE

Carolina Hessel Silveira¹
Luciane Bresciani Lopes²

Recebimento do texto: 07/04/2018

Data de aceite: 18/05/2018

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar as atividades desenvolvidas na ação de extensão Mãos Aventureiras, cadastrada na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mãos Aventureiras é um projeto criado para a produção de traduções de obras literárias na língua de sinais que são disponibilizados no canal Mãos Aventureiras no *YouTube*. O objetivo geral deste trabalho é ampliar o conhecimento sobre a Literatura por meio da língua de sinais. A metodologia de trabalho é de tradução cultural de obras da literatura infantil. As políticas de inclusão escolar criam a necessidade de ampliação de materiais visuais e bilíngues para alunos surdos e as mídias auxiliam para o conhecimento da Literatura. Como resultados parciais, destaca-se o amplo acesso à literatura, ampliação de vocabulário em língua de sinais e aproximação da cultura da comunidade surda.

PALAVRAS-CHAVE: Libras; Literatura em Língua de Sinais Surda; Literatura Infantil.

ABSTRACT: This article's objective is to present the activities developed in the Mãos Aventureiras extension action, registered in the Pro-Rectorry of Extension of the Federal University of Rio Grande do Sul. Mãos Aventureiras is a project created for the production of translations of literary works in sign language that are made available on the Mãos Aventureiras YouTube Channel. The general objective of this work is to increase knowledge about Literature through sign language. The methodology used is based on the cultural translation of works of children's literature. The policies of school inclusion create the need for the amplification of visual and bilingual materials for deaf students and the media help in the knowledge of Literature. Partial results include the broad access to literature, the expansion of vocabulary in sign language and the approximation of the culture of the deaf community.

KEYWORDS: Libras; Sign Language Deaf Literature; Children's Literature.

¹ Docente de Língua Brasileira de Sinais (Libras) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Educação (UFRGS) e Mestre em Educação (UFSC).

² Docente de Língua Brasileira de Sinais (Libras) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Educação (UFRGS).





1 introdução

Contar histórias é uma tradição em muitas culturas. Segundo Ramos (2011, p. 32) a “[...] arte de narrar histórias encontra suas raízes nos povos ancestrais que contavam e encenavam histórias para difundirem seus rituais, os mitos, os conhecimentos acerca do mundo sobrenatural ou não, e sobre as experiências adquiridas pelo grupo ao longo do tempo.”. Em períodos em que a língua escrita não estava ao alcance de todos, contar histórias era uma forma de manter viva a cultura dos povos. O mesmo ocorre na comunidade surda, na qual as histórias do povo surdos passa de mão em mão através dos tempos.

Com o advento das novas tecnologias os contadores não estão somente em suas comunidades, circulam em meios virtuais e não somente contam sobre suas culturas, mas acessam diferentes obras literárias para levar ao encontro dos diferentes grupos. Ramos (2011), em sua dissertação “Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?”, afirma que:

Em meados do séc. XX, os contadores de histórias, após terem quase submergido em consequência do surgimento das novas mídias, ressurgem, como fenômeno urbano, dando origem, ao que hoje se conhece como novos contadores, ou contadores urbanos. Com o surgimento dos contadores urbanos, a arte de contar histórias passou a ser reconhecida também no campo pedagógico. Esses novos contadores já não realizam apenas a transmissão oral do que vivenciaram, mas, isso sim, a transmissão oral de histórias de outros autores e impressas. Suas performances, hoje, deixam de ser narrativas de experiências por eles vivenciadas; e dos contadores de histórias hoje é exigido o domínio de





outras técnicas para que possam (re)contar as histórias narradas por outros, algumas impressas, outras disponíveis em espaços da Web. (RAMOS, 2011, p. 34)

Neste sentido, ao observar a atuação de diferentes contadores ouvintes atuando em canais de redes sociais como *YouTube*, bem como em feiras de livros e espaços culturais, surge o projeto Mãos Aventureiras, com o objetivo de contar histórias em língua de sinais, proporcionando o encontro de leitores com obras literárias em Libras. Neste processo de produção de materiais literários em língua de sinais, leva-se em conta o fato de que parte das crianças surdas nascem em lares de pais ouvintes, o projeto objetiva colaborar na produção e expressão da língua de sinais por esses sujeitos. Sobre esse dado, a autor Kyle (1999, p. 59),

[...] a língua de sinais é natural para o surdo, pois é adquirida de forma rápida e espontânea, por isso a criança surda precisa ter acesso à língua de sinais o mais cedo possível, antes mesmo do seu ingresso na escola. Daí a necessidade de a criança surda, filha de pais ouvintes, bem como de sua família ter contato com adultos surdos, usuários de língua de sinais.

O projeto literário é uma possibilidade de acesso dos sujeitos surdos à produção infantil assim como as crianças ouvintes da mesma idade. Acreditamos que possa servir como recurso de acessibilidade na constituição dos alunos surdos, pois os professores poderão utilizar as mesmas obras traduzidas em suas aulas com todos os alunos. O espaço ideal para aquisição da língua de sinais e alfabetização dos surdos é dentro das escolas bilíngues para surdos, mas não podemos negar os efeitos das



políticas de inclusão, então temos como objetivo que esse material possa colaborar com a constituição das crianças surdas.

Nossa concepção de educação de surdos está inscrita na perspectiva da educação bilíngue para surdos. Assim como outros grupos culturais, os surdos, para obterem o direito de ser escolarizados em sua língua, passaram por processos de lutas políticas e diversos movimentos sociais. Desde de movimentos surdos organizados pela oficialização da Libras até os mais recentes que trataram de defender a educação bilíngue para os alunos surdos, a língua de sinais tem sido pauta nas discussões da comunidade surda.

A compreensão conceitual da educação bilíngue para os surdos está estabelecida nas políticas educacionais brasileiras, tal como a Política Nacional de Educação 2014-2024, onde afirma textualmente, na Meta 4.7, a garantia e “oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, aos(às) alunos(as) surdos e com deficiência auditiva” (BRASIL, 2014). Contudo,

Apesar dessas conquistas, a Educação de Surdos no Brasil corre o risco de manter as práticas excludentes do passado. Embora ela não seja mais orientada pelas práticas de oralização, continuamos presenciando a imposição da língua e da cultura ouvinte através da Política de Inclusão, que, em seus textos, contempla a garantia de acesso à língua de sinais pelas crianças surdas, a presença dos professores surdos na educação de alunos surdos, a presença de tradutores-intérpretes em turmas de inclusão ou a fluência na língua de sinais dos



professores ouvintes que trabalham com alunos surdos.
(THOMA; KLEIN, 2010, p. 120)

Neste sentido, a literatura surda e a literatura em língua de sinais para os alunos surdos também corre o risco de ser deixada em segundo plano. Possivelmente a mesma complexidade que envolve a pergunta “o que é literatura” está também na pergunta “o que é literatura surda”. Inspiradas em Lajolo (2001) apresentaremos algumas “respostas provisórias”. Para isso, destacamos duas autoras, Karnopp (2010) e Strobel (2009), que vêm desenvolvendo estudos e pesquisas relacionadas a essa temática. Karnopp afirma que:

A expressão “Literatura Surda” é utilizada no presente texto para histórias que têm a língua de sinais, a identidade e a cultura surda presentes na narrativa. Literatura Surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente (KARNOPP, 2010, p. 161).

O destaque dessa autora está na centralidade da cultura surda e da língua de sinais em textos literários, que traduzem a experiência visual e que trazem representações de surdos vinculadas a um grupo linguístico e cultural diferente. Para Strobel, a Literatura Surda traduz as lembranças das experiências do povo surdo, conforme lemos a seguir:

Ela traduz a memória das vivências surdas através das várias gerações dos povos surdos. A literatura se multiplica em diferentes gêneros: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas,





contos, romances, lendas e outras manifestações culturais (STROBEL, 2009, p. 61).

Considerando tais conceitos utilizados, com ênfase nos materiais em línguas de sinais, propomos algumas aproximações entre a Literatura Surda e um autor muito conhecido no campo do folclore brasileiro, Câmara Cascudo, que escreveu vários livros sobre histórias e tradições populares. O livro “Literatura Oral no Brasil” (CASCUDO [1952], 2006) mostra vários dados da literatura que circula oralmente no Brasil, de histórias recolhidas que eram contadas de boca a boca. Ele compara diferentes versões de uma mesma história. Neste sentido, percebemos aproximações entre a literatura popular oral e a Literatura Surda.

Podemos perceber semelhanças entre a Literatura Surda e a literatura oral, popular, estudada por Câmara Cascudo, com uma diferença: a primeira é apresentada principalmente em língua de sinais, mas também pode se manifestar na escrita, envolvendo processos de tradução e/ou a preferência pelo uso do português no processo de registro literário, no caso do Brasil. O registro da literatura surda produzida em língua de sinais tem sido feito através de filmagens.

Para entender melhor a proximidade entre a literatura popular e a literatura surda, destacamos uma diferença entre Literatura Surda SEM autoria definida, que podemos chamar de popular, como piadas que eram transmitidas em grupos e associações (algumas, mas não todas, foram filmadas mais recentemente) e a Literatura Surda COM autoria registrada, como são os livros impressos, vídeos com interpretação de surdos. Cascudo (2006) fala de Literatura Oral e diz que esse conceito tem origem francesa,





do final do século XIX, e conforme Sébillot, autor em quem se inspirou, a literatura oral compreende aquilo que, para o povo que não lê, toma o lugar das produções literárias. Assim, para esse autor, a literatura oral tem como característica a “persistência pela oralidade” e os elementos característicos do Folclore, em que se encaixa a Literatura Oral, são: a) antiguidade; b) persistência; c) anonimato; d) oralidade (p.22).

Adaptando essas características da literatura sem autoria definida para a Literatura Surda, encontramos as três primeiras características e a 4ª característica - “oralidade” - propomos a substituição por “sinalidade³”. Rutherford (1983, p. 310), pesquisadora na área de literatura surda americana, se propõe a analisar uma piada surda e entende as piadas também dentro do folclore: “Meu estudo desse texto foi baseado na crença de que, por meio de análise do folclore de uma comunidade, é possível encontrar um reflexo de sua cultura [...]”.

Por outro lado, existe Literatura Surda COM autoria registrada, como são os livros impressos, vídeos com interpretação de surdos. Por exemplo, “TIBI E JOCA – uma história de dois mundos”, de Tibiriçá Maineri e Claudia Bisol (2001) é um livro de literatura infantil surda que tematiza experiências surdas, com muitas imagens, alguma escrita e alguns desenhos apresentando sinais. Outro exemplo que devemos analisar encontramos no DVD “Fábulas em Esopo”, do ator Nelson Pimenta (LSB

³ Mourão (2011, p. 19) propõe o uso do neologismo *Sinalidade* para a “produção linguística em sinais de surdos, assim como o termo oralidade é tradicionalmente utilizado para o ouvinte”.



VÍDEO, 2004), que pode ser considerado como uma tradução cultural de fábulas clássicas para a LIBRAS.

Na seção seguinte, apresentamos uma breve discussão sobre a diferença entre a Literatura Surda e a Literatura em língua de sinais, a partir dos estudos de Mourão (2016), no sentido de situar as produções do projeto Mãos Aventureiras.

1.1 Diferença entre Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais

A Literatura Surda, conforme já discutido, se ocupa da produção de materiais que apresentam a Cultura Surda. Histórias como a Cinderela Surda (HESSEL; ROSA; KARNOPP, 2003), Rapunzel Surda (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP, 2003) e Patinho Surdo (ROSA; KARNOPP, 2005), entre outras, contam sobre a vida de personagens surdos e a comunicação da em língua de sinais. São produções sobre surdos, como nos exemplos citados, que podem se tratar de uma adaptação de clássicos infantis, tais como: Cinderela, Rapunzel e Patinho Feio. Na obra Cinderela Surda a personagem principal é surda, utiliza a língua de sinais para se comunicar e encontra um príncipe surdos por quem se apaixona.

Diferente desta forma de produção literária, o projeto Mãos Aventureiras se inscreve como literatura em língua de sinais produzida a partir da tradução cultural de livros infantis impressos – sobre os aspectos da tradução cultural retomaremos mais adiante. Segundo Mourão (2016, p. 134), a literatura em língua de sinais “[...] está vinculada à Literatura Surda e tem foco nessa língua e nas formas de tradução, adaptação ou criação.”.

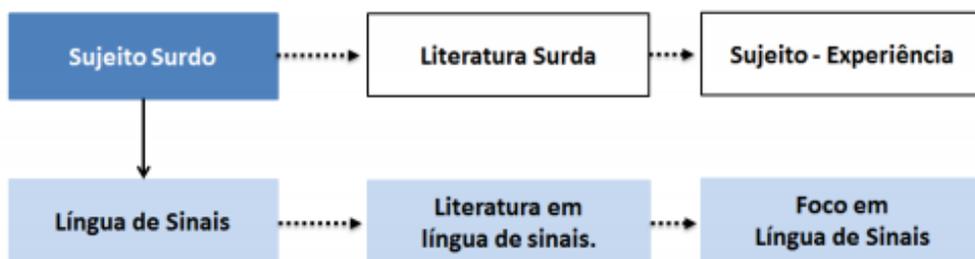




A produção deste tipo de literatura pode ser realizada “[...]por sujeitos surdos ou ouvintes que fazem parte da comunidade surda, como profissionais na área, que também podem ter mãos literárias.”

Ainda, segundo Mourão (2016), o foco da literatura em língua de sinais é a língua e a forma como o sujeito surdo se relaciona com as produções, conforme esquema organizado pelo autor:

Imagem 1 - Sujeitos surdos, Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais



Fonte: MOURÃO, 2016, p. 193.

A literatura em língua de sinais é parte da Literatura Surda, conforme sugere o autor, existe um vínculo entre as produções em razão da língua de sinais e dos sujeitos que produzem. Mourão (2016, p. 227) afirma que a literatura em língua de sinais é um “artefato cultural linguístico”. Na próxima seção, apresentamos a organização do projeto e as produções literárias disponibilizadas nas redes sociais para consumo da Comunidade Surda.

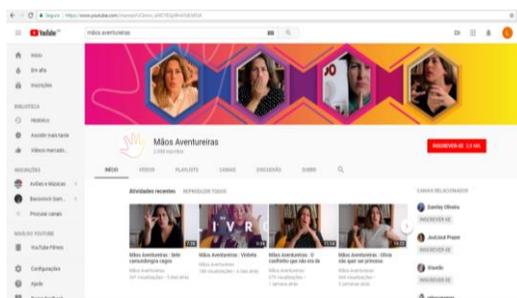


2 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO: MÃOS AVENTUREIRAS NO AR

Afinal, o que é Mãos Aventureiras? É um projeto de extensão vinculado a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, criado com o objetivo de contar histórias em língua de sinais, colaborando na produção e expressão da língua de sinais. Segundo Xavier Neta (2016, p. 58) a “literatura é fundamental, pois, através do contato com contadores de histórias surdos e fluentes em língua de sinais, a criança desenvolve não apenas suas competências linguísticas, mas têm acesso à cultura e à comunidade surda.”.

As produções são disponibilizadas no Canal Mãos Aventureiras no *YouTube* e as informações sobre o projeto, bem como o contato com usuários e interessados, é feito através do site Mãos Aventureiras vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, conforme as imagens:

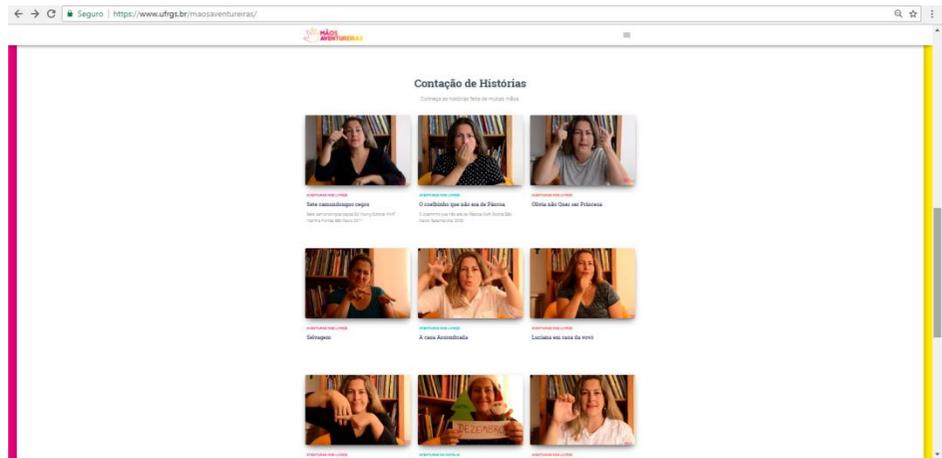
Imagem 2 – Canal Mãos Aventureiras



Fonte: https://www.youtube.com/channel/UcKmrX_wNCYEGpWnV54LMSIA



Imagem 3 – Site Mãos Aventureiras



Fonte: <https://www.ufrgs.br/maosaventureiras/>

Os vídeos podem colaborar para o desenvolvimento das crianças e jovens surdos. Proporcionando o desenvolvimento do domínio de Libras e de seu uso em contextos artísticos. Podem motivar as crianças para quererem conhecer mais livros sobre a mesma temática, dos mesmos autores ou mesmo filmes, peças de teatro, contribuindo, ainda, no envolvimento dos pais e familiares na importante função de aproximar crianças e jovens do mundo literário.

Sobre as escolhas das obras contadas, citamos Xavier Neta (2016 p. 59), quando afirma que,

As escolhas das obras revelam a forma de o contador olhar o mundo. A escolha de um título não é uma tarefa fácil e requer o estabelecimento de critérios, metodologias e objetivos. É, portanto, um trabalho de pesquisa de leitura e de busca pela história que melhor se comunique com o contador. Portanto, a escolha das



obras utilizadas na contação de histórias pode revelar os conhecimentos que são considerados válidos, as perspectivas de mundo que são valorizadas e o tipo de comportamento valorizado.

Na escolha das obras que serão traduzidas, são estabelecidos critérios, quanto a variedade de temas, autores, histórias, e qualidade dos livros escolhidos. É necessário apresentar os clássicos, entretanto, também é importante estar sempre atenta aos lançamentos. A partir destes critérios, foram traduzidas, até o presente momento, as seguintes obras:

Quadro 1 - Produções do projeto Mãos Aventureiras

No.	Nome do livro	Data da postagem	Autores	Editora/Ano
1	O Lobinho Bom	23 out. 2017	Nadia Shireen	Brinque-Book (2013)
2	Gildo	25 out. 2017	Silvana Rando	Brinque-Book (2010)
3	Carona na vassoura	29 out. 2017	Julia Donaldson	Brinque-Book (2013)
4	Adélia	06 nov. 2017	Jean-Claude Alphen	Pulo do Gato (2016)
5	O presente do Saci	13 nov. 2017	Lalau & Laurabeatriz	Editora Globinho (2013)
6	O sanduíche da Maricota	20 nov. .2017	Avelino Guedes	Editora Moderna (2017)



7	Clara	27 nov. 2017	Ilan Brenman	Brinque-Book (2007)
8	Bruxa, bruxa, venha à minha festa	04 dez. 2017	Arden Druce	Brinque-Book (1995)
9	O natal da bruxinha	11 dez. 2017	Lieve Baeten	Brinque-Book (2010)
10	Ernest e Celestine perderam Simão	18 dez. 2017	Gabrielle Vincent	Moderna (2009)
11	As centopeias e seus sapatinhos	05 jan. 2018	Milton Camargo	Ática (S/A)
12	Luciana em casa da vovó	23 jan. 2018	Fernanda Lopes de Almeida	Editora Ática (1985)
13	A casa assombrada	03 fev. 2018	Kazuno Kohara	Cosac Naify (2010)
14	Selvagem	20 fev. 2018	Emily Hughes	Pequena Zahar (2015)
15	Olivia não Quer ser Princesa	07 mar. 2018	Ian Falconer	Editora Globo (2014)
16	O coelhinho que não era de Páscoa	21 mar. 2018	Ruth Rocha	Salamandra (2009)
17	Sete camundongos cegos	28 mar. 2018	Ed Young	Editora WMF Martins Fontes (2011)
18	O urso rabugento	04 abr. 2018	Nick Bland	Brinque-Book (2014)
19	O menino e o jacaré	18 abr. 2018	Maté	Brinque-Book (2003)



20	Essas Histórias Não Deveriam Ser Verdadeiras	25 abr. 2018	Gang Gyeongsu	Editora Melhoramentos (2011)
21	O Guarda-chuva Verde	02 mai. 2018	Yun Dong-jae	Editora Edições SM (2011)
22	A minha mãe	10 mai. 2018	Anthony Browne	Editorial Caminho (2008)

Fonte: As autoras.

O processo de edição dos vídeos é realizado a partir do programa de edição de vídeos, utilizando imagens dos livros escolhidos. Ao contar as histórias em língua de sinais a questão central é o uso da língua em um contexto de dramatização e de apropriação de elementos culturais. Não se trata simplesmente do uso dos sinais, mas das expressões faciais e corporais que aproximam os leitores surdos da obra. Conforme seguem as imagens a seguir:

Imagem 4 – Aproximação dos personagens



Fonte: Lobinho Bom (2013) e Canal Mãos Aventureiras



Imagem 5 – Lobo Mau segura e observa o Lobinho Bom



Fonte: Lobinho Bom (2013) e Canal Mãos Aventureiras

Trata-se, neste sentido, de uma tradução cultural da língua portuguesa para língua de sinais, na qual a expressividade assume o primeiro plano, ou seja, as traduções não são literais. Segundo Masutti e Paterno (2011), afirmam que no processo de tradução cultural objetiva-se a construção de referências e não apenas a língua, visto a necessidade produção de conhecimentos de comunidades que sofreram processos discriminatórios. Segundo Ramos (2004),

A questão da tradução (ou da interpretação, quando em situação de fala) para os surdos não tem apenas a particularidade que destacamos em sua denominação - cultural, mas é, em sua fundamentação, também filosófica, até mesmo existencial. A tradução de textos literários para a LIBRAS pode ajudar a satisfazer a necessidade de sua própria compreensão enquanto sujeito bicultural. Por serem minoria lingüística e bicultural, os surdos trazem em sua constituição como seres humanos a possibilidade da compreensão de dois mundos diversos. Compreender filosoficamente e poder comunicar-se com estes dois mundos faz parte de sua constituição como pessoa e como cidadão.



Abaixo as imagens da tradução realizada para o livro *As centopéias e os seus sapatinhos*, onde inicialmente é apresentado o sinal de sapato (Imagem 6), utilizado na língua brasileira de sinais e, na sequência a sinalização dos muitos sapatos sendo colocados nos pés da centopéia (Imagem 7):

Imagem 6 – Sinal de Sapato



Imagem 7 – Colocar os sapatos na centopéia



Fonte: Canal Mãos Aventureiras

Ao sinalizar os sapatos da centopeia é utilizado a descrição imagética, que permite o “surgimento de signos mais elaborados, a partir das representações das informações registradas e visuais e da construção mental da imagem.” (CAMPELLO, 2008, p. 21). Outros elementos importantes nas sinalizações são as expressões faciais e corporais que modificam o sentido das sentenças sinalizadas. As imagens a seguir apresentam dois personagens das histórias olhando para algo, mas expressões faciais diferentes que alteram o sentido do “olhar”.



Imagem 8 – Olhar “contemplar”

Livro: As centopéias e os seus sapatinhos



Imagem 9 – Olhar “reprovação”

Livro: Selvagem



Fonte: Canal Mãos Aventureiras

Na Imagem 8, as centopéias estão olhando a vitrine de sapatos. As personagens demonstram encantamento pelos sapatos. Enquanto que na Imagem 9, a sinalização representa os humanos olhando para a menina estranha no meio da floresta. O olhar em destaque na Imagem 8 se refere a “reprovação” dos humanos frente a menina selvagem. Conforme Mourão (2016, p. 202), a literatura em língua de sinais compreende as questões linguísticas da língua, neste sentido o autor destaca a importância da “[...]incorporação da forma dos animais, humanos e objetos. Esses, entre outros aspectos, são característicos da modalidade de língua visuo-gestual.”.

O uso dos descritores imagéticos, também identificados como classificadores, estão presentes em grande parte das produções do projeto Mãos Aventureiras. E a utilização deste elemento linguístico é apresentado



na utilização de um sinal semelhante, mas com significado diferentes, conforme apresentamos nas imagens a seguir:

Imagem 10 – “Selvagem”

Livro: Selvagem



Imagem 11 – “Assombrada”

Livro: A casa Assombrada



Fonte: Canal Mãos Aventureiras

Conforme dito anteriormente, os sinais são semelhantes, mas a expressão facial modifica o significado dentro de um contexto e com relação ao tema específico. Na Imagem 10, apresentamos a noção de selvagem como fosse bicho na floresta, enquanto que na Imagem 11 trata-se da ideia de assombrada. Elementos da visualidade da língua de sinais que jovens e crianças necessitam do contato com essa expressividade para a constituição da mesma. Lacerda (2012) chama atenção para a necessidade de compreender as ideias para além das palavras, ou seja, no processo tradutório é fundamental que se mantenha o “[...] foco na manutenção dos sentidos originais [...] buscando correlação de sentidos entre as línguas.”. (LACERDA, 2012, p. 260). Neste sentido, busca-se as referências na



cultura surda a partir da língua de sinais, mas se mantém o sentido dos textos da língua fonte.

Considerações Finais

Como resultados parciais destacamos a produção das traduções culturais de obras literárias que se configuram como uma produção de literatura em língua de sinais. A produção foi organizada para o público infantil surdo, mas a partir das postagens nas redes sociais começaram a surgir inúmeros feedbacks de pessoas ouvintes que estão aprendendo a língua de sinais. Tem sido um trabalho de grande alcance e para o futuro a ideia é continuar alimentando o canal com as produções para o público infantil no sentido de valorização da língua de sinais.

Destacamos que os livros infantis publicados pelas editoras brasileiras e estrangeiras, atualmente, contam com poucos livros acessíveis em língua de sinais. Este projeto, objetiva a aproximação das crianças surdas com a literatura, estimulando a imaginação literária, moral, compreensão, entre outros aspectos relacionados a produção e consumo da literatura.

Existem materiais de tradução de clássicos da literatura mundial, a exemplo dos livros Chapeuzinho Vermelho e Três Porquinhos, realizados por instituições com o Instituto Nacional de Educação de Surdos. Entretanto, esse trabalho procura traduzir obras que ainda não estão disponíveis em língua de sinais em nosso país, ampliando o acesso dos



surdos e usuários da língua de sinais às obras literárias e a visibilidade da língua e cultura das comunidades surdas.

Referências

CAMARGO, Milton. *As centopeias e seus sapatinhos*. Porto Alegre: Ática, s/a.

CAMPELLO, Ana Regina de Souza. *Aspectos da visualidade na educação de surdos*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. São Paulo: Global, 2006.

HESSEL, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir Becker. *Cinderela Surda*. Canoas: ULBRA, 2003.

HUGHES, Emily. *Selvagem*. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2005.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da Literatura Surda. *Cadernos de Educação* (UFPel), v. Ano 19, p. 155-174, 2010.

KOHARA, Kazuno. *A casa assombrada*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KYLE, J. O ambiente bilíngüe: alguns comentários sobre o desenvolvimento do bilingüismo para surdos. In: SKLIAR, C. (Org.). *Atualidades da educação bilíngüe para surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. O Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (ILS). In: LODI, Ana Claudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziat



Barbosa de; FERNANDES, Eulalia. *Letramento, bilinguismo e educação de Surdos*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

MASUTTI, Mara Lúcia; PATERNO, Uéslei. *Tradução e Interpretação de Libras*. Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura e Bacharelado em Letras--Libras EaD. Florianópolis, 2011.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. *Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. *Literatura surda: experiência das mãos literárias* Tese (Doutorado). Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

RAMOS, Ana Claudia. *Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?* Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Londrina. 2011.

RAMOS, Célia Regina. *Tradução Cultural: Uma Proposta de Trabalho para Surdos e Ouvintes*. E-BOOKS, 2004.

ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir Becker. *Patinho Surdo*. Ilustrações de Maristela Alano. Canoas: ULBRA, 2005.

RUTHERFORD, Susan D. *The Journal of American Folklore*, vol. 96, nº 381. Jul/set, 1983, pp. 310 – 322.

SHIREEN, Nadia. *O Lobinho Bom*. São Paulo: Brinque-Book, 2013.

SILVEIRA, Carolina Hessel; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir Becker. *Rapunzel Surda*. Canoas: ULBRA, 2003.



STROBEL, Karin Lílian. *As imagens do Outro sobre a cultura surda* - 2ª edição revisada. 2. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2009.

THOMA, Adriana da Silva; KLEIN, Madalena. Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil. *Cadernos de Educação* | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [36]: 107 - 131, maio/agosto 2010.

XAVIER NETA, Celina Nair. “*Senta, que lá vem história!*” Representações de docentes sobre a Hora do Conto em Língua Brasileira de Sinais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2016.

Este texto é de total responsabilidade de seus autores.